

PARA UM REENCANTAMENTO DO MUNDO

RUI PINA COELHO



MORRER PELOS PASSARINHOS

DIREÇÃO, CRIAÇÃO E PERFORMANCE: Lígia Soares, Henrique Furtado Vieira

A PARTIR DE UMA IDEIA ORIGINAL DE: Lígia Soares, Maria Jorge

DIRECÇÃO TÉCNICA E DESENHO DE LUZ: Hugo Coelho

COMPOSIÇÃO MUSICAL E SONOPLASTIA: João Lucas

PARTICIPAÇÃO PERFORMANCE (*Ode triunfal*): Iqbal Hossain

PARTICIPAÇÃO PERFORMANCE (*Butôdadá*): Participantes da oficina de criação

VÍDEO DURANTE A PERFORMANCE GODÔS: *O chão nas cidades*: Andrea Maciel

PRODUÇÃO: Romance – Associação Cultural

CO-PRODUÇÃO: Teatro-Cine Torres Vedras e FITEI / Teatro Municipal do Porto

LOCAL E DATA DE ESTREIA: TMP – Teatro Municipal do Porto – Rivoli,
23 de Maio de 2025, no âmbito do FITEI – Festival Internacional de Teatro de
Expressão Ibérica [estreia da versão completa, embora o espectáculo tenha
sido ante-estreado em 2023, em Coimbra, no âmbito do
Festival END – Encontro Novas Dramaturgias]

2.

Carl Lavery (2018: 1), uma voz central nos estudos de eco-performance, lança-nos um desafio pertinente ao afirmar que “(...) se o teatro quiser contribuir para um futuro ambiental mais progressista, então incumbe a profissionais e investigadores reflectirem rigorosamente sobre o modo como o teatro opera enquanto *medium*, mantendo simultaneamente uma atitude vigilante relativamente à sua suposta eficácia”. Deste modo, coloca-se a questão de saber como — ou mesmo se — podemos transportar a alegria do reencantamento do mundo para além do enquadramento da performance, estendendo-a a outros domínios das nossas vidas. Devemos aferir a necessidade do teatro pelo número de pessoas que consegue mobilizar em direcção a uma utopia partilhada, entendida como força orientadora para a reimaginação do sonho social? Ou será possível acolher a sugestão profundamente humana de Jill Dolan, segundo a qual o prazer de um gesto utópico em cena, ainda que não produza mudanças concretas no mundo, transforma inegavelmente aqueles que o experienciam?

A ideia de que ainda podemos fazer alguma coisa, descubro-a também no espectáculo *Morrer pelos passarinhos*, de Lígia Soares e Henrique Furtado Vieira. *Morrer pelos passarinhos* é uma colecção de pequenas performances – “rituais fúnebres”, como os autores as denominam – que têm como objectivo “estudar, reproduzir, reinventar formas artísticas resultantes de sistemas em colapso e, com isso, criar uma colecção de performances baseada na relação histórica entre a crise e a emergência de diferentes vanguardas artísticas”, conforme consta no *Dossiê de apresentação* (versão de Maio de 2024) do espectáculo.^[2]

[2] Generosamente cedido pelos artistas.





MORRER PELOS PASSARINHOS, DE LÍGIA SOARES E HENRIQUE FURTADO VIEIRA, 2023. [F] TATIANA LAGES. ↖ (LÍGIA SOARES E HENRIQUE FURTADO VIEIRA) ↑ (LÍGIA SOARES)

O espectáculo está em desenvolvimento desde 2023 e segue uma estrutura “acumulativa”. Ou seja, novos “actos” são continuamente adicionados à estrutura principal da colecção. Até agora, *Morrer pelos passarinhos* foi apresentado em várias localidades – Coimbra (ante-estreia), Lisboa (estreia), Setúbal, Santa Maria da Feira, Carvoeiro, Ferragudo, Torres Vedras e Porto, entre outros locais. Em cada apresentação, novas “peças de arte performativa” são introduzidas – e, em cada localidade, Lígia Soares e Henrique Furtado Vieira trabalham com novos participantes numa oficina criativa, na qual reencenam as performances anteriores e criam outras. No site da Rumo do Fumo (a estrutura de produção), o projecto é descrito da seguinte forma:

Vários movimentos da vanguarda artística surgiram após momentos traumáticos da história, momentos em que a humanidade mostrou novos alcances para a sua capacidade autodestrutiva – as Grandes Guerras que se sucederam ou a Guerra Fria com a sua ameaça atómica. Hoje, anos 20 do século XXI, vivemos mais uma vez perante o “fim do mundo”. Perante a derrocada iminente que estratégias podemos usar para combater a “impotência da nossa vontade consciente”? Se no século XX, a apologia da informação, tão necessária como consequente ao possível progresso civilizacional, era ainda a máxima que poderia salvar-nos e ao mundo de atos violentos, hoje sabemos que a nossa agressão ao planeta que habitamos nos está



MORRER PELOS PASSARINHOS, DE LÍGIA SOARES E HENRIQUE FURTADO VIEIRA, 2023, [F] TATIANA LAGES.

já a ser fatal e, por alguma razão absolutamente extraordinária, vivemos com essa informação de uma forma consciente e passiva, perpetuando a nossa participação ativa na sua destruição. O projeto busca assim inspiração nos movimentos artísticos históricos que surgiram em resposta a períodos de crise, como o Dadaísmo, a dança expressionista e o teatro do absurdo, para enfrentar os desafios atuais, como a crise ambiental e o sentimento de impotência diante de sistemas globais complexos. ^[3]

[3] Ver em: <https://www.orumodofumo.com/pt/projectos/morrer-pelos-passarinhos>.

A premissa é, aparentemente, bastante simples: o pensamento artístico tem vindo a propor formas alternativas de viver que, de algum modo, temos ignorado. Assim, esta performance procura:

encontrar formas de partilhar significativamente com o público o fim de um mundo conforme o fomos conhecendo e de lembrar a força de que em coletivo se pode expressar o não sentido, o ser humano dissecado pela desordem do mundo, expresso no seu luto, contrariando a naturalidade com que aceitamos a sua degeneração

– como se pode ler, novamente, no já referido *Dossiê de apresentação*. Essa afirmação torna-se ainda mais contundente quando percebemos que as experiências artísticas citadas por este espectáculo provêm sobretudo das margens artísticas negligenciadas ou das vanguardas – que raramente alcançaram o discurso dominante. Assim, cada performance estabelece um diálogo directo com uma obra histórica. A primeira performance – “Godôs” (#1) –, mais do que uma referência evidente a *À espera de Godot*, de Samuel Beckett (1953), remete para *Super Night Shot*, do colectivo Gob Squad^[4] (2003). Em *Godôs*, os dois *performers* circulam pelo espaço do teatro abordando pessoas ao acaso, convidando-as a subirem ao palco e a esperarem, por e com o público, num palco vazio. Para tentar convencer os desconhecidos a entrarem em palco, cada performer, um de cada vez, recorre a argumentos que variam entre a necessidade de confiar, a urgência de largar o controlo ou o absurdo da velocidade das nossas vidas. Às vezes conseguem convencer alguém a subir ao palco vazio diante da plateia – outras vezes não. Umhas vezes mostram aos transeuntes um vídeo no Youtube com a performance *Looking Up*, de Francis Alÿs. Outras não. O público, sentado diante do palco vazio, acompanha todas as entrevistas por meio de projecções em tempo real, num grande ecrã.

[4] No site do colectivo Gob Squad, *Super Night Shot*, em digressão desde 2003, é descrito da seguinte forma: “Um filme multi-ecrã no qual a cidade se transforma num cenário cinematográfico para uma missão fantástica. *Super Night Shot* é uma jornada mágica pelas ruas noturnas de uma cidade não muito distante. Repleto de surpresas inesperadas, o público torna-se co-protagonista de um filme que celebra encontros não planeados com desconhecidos e se delicia com a aleatoriedade da existência urbana. Ao mesmo tempo cómico e comovente, *Super Night Shot* procura elevar a banalidade do quotidiano ao glamour e brilho de um grande sucesso de bilheteira. É um espectáculo completamente imprevisível que transforma o quotidiano em algo épico e brinca com a percepção do que é familiar. Tudo pode acontecer – e geralmente acontece...”

Em “Bocas” (#2), os dois performers, completamente nus, dialogam por meio de dois *smartphones* posicionados à frente das suas bocas, numa citação do poeta e performer francês Charles Pennequin (n. 1965).^[5] Lígia Soares e Henrique Furtado Vieira reduzem o diálogo e a ideia de proximidade ao seu mínimo. A performance gira em torno da apatia: tédio, Netflix, procrastinação, hedonismo e ausência de envolvimento social são os principais temas abordados.

Em “Apóstrof’apocalipse” (#3), o público é tratado como gado e conduzido para uma sala escura. Uma vez lá dentro, vários eventos sonoros alternam entre diferentes experiências auditivas – sons de gado e chocalhos, máquinas de mineração, tsunamis e explosões de guerra –, mergulhando os espectadores na escuridão. Esses momentos são entrelaçados com *karaokes* poéticos, que convidam o público a falar em unísono. Esses *karaokes* assumem a forma de poemas sonoros, onde a linguagem fragmentada converge, de maneira lúdica e vertiginosa. Os temas centrais são o trabalho, o capitalismo e as injustiças sociais, tendo como principais inspirações a obra dos dadaístas Tristan Tzara (1896-1963) e Gherasim Luca (1913-1994). A performance termina com uma paisagem sonora composta por gritos, lamentos, tédio, tosses e choros, criada por João Lucas e interpretada pelos participantes da oficina criativa.

Em “Butôdada” (#4), partindo de títulos de notícias de jornal alarmantes e de artigos científicos, os participantes da oficina criativa mimam e/ou dançam ameaças contemporâneas tais como a solidão

[5] Pennequin é frequentemente associado à poesia de vanguarda francesa contemporânea, sendo conhecido pela sua abordagem experimental e performativa da linguagem, onde mistura poesia, prosa e som, explorando temas como a linguagem, a identidade e os absurdos do quotidiano.



MORRER PELOS PASSARINHOS, DE LÍGIA SOARES E HENRIQUE FURTADO VIEIRA, 2025 [F] ALÍPIO PADILHA.

urbana, o aquecimento global, políticas de direita, perigos da Inteligência Artificial, saúde mental, (falta de) igualdade de género, entre outras. Actuando individualmente, os *performers* são apresentados como obras de arte vivas, cada um em seu próprio espaço/cápsula/gaiola. A coreografia segue princípios inspirados na dança Butoh e no Dadaísmo, combinando intensidade expressiva com rupturas formais, explorando o corpo na sua fragilidade, desconforto e resistência. Os espectadores circulam livremente pela sala e podem aproximar-se de cada *performer* no seu solo improvisado. Junto à área onde cada um actua — fixada na parede ou pousada no chão — encontra-se uma placa com a frase que esse *performer* “interpreta”.

“Ode Triunfal” (#5), título que evoca o poema de Álvaro de Campos, é interpretada pelo vendedor ambulante Iqbal Hossain. A performance decorre num espaço público ao ar livre, centrando-se num workshop orientado por Iqbal Hossain, um imigrante bengali em Lisboa que vende roupa e brinquedos nas ruas da cidade. No workshop, Iqbal ensina os espectadores a lançarem brinquedos voadores luminosos para o céu. Apresenta-se, distribui os brinquedos e ensina quais as melhores técnicas para os atirar, partilhando dicas práticas a par de reflexões poéticas e políticas sobre o voo, o trabalho e a travessia de fronteiras. À medida que a performance se aproxima do fim, os espectadores são convidados a lançar os seus brinquedos ao som do hino da selecção nacional de críquete para o Mundial de 2024. Este momento final, marcado pela música e por um gesto partilhado de libertação, procura criar um sentimento de união e celebração, encerrando a performance com algum optimismo. Durante o intervalo (“Prova de Insetos”, #6), o público é convidado a comer insectos secos (grilos, gafanhotos...). A exploração incessante do planeta e a sua sobrepopulação são o comentário implícito.

O título desta insólita colecção de performances contém, creio, uma chave para algum entendimento do gesto destes artistas. Os “passarinhos” do título podem ser facilmente vistos como os artistas que têm criado formas de sonhos colectivos — e que agora enfrentam a extinção. Mas são também a natureza — frágil e aviária — pela qual vale a pena morrer.

La Distance e *Morrer pelos passarinhos*, creio, são duas maneiras inteligentes e perspicazes de discutir a relevância da arte na reformulação do sonho social. Exibem uma esperança ingénuo no teatro e na arte? Sim, exibem. Têm um tom moralista? Sim, aqui e ali. Vão impedir o degelo das calotas polares? Não, não creio que vão. Mas, para mim, trata-se de espectáculos carregados de esperança. Neles, o mundo serve de paisagem para a criação artística, entendida como uma possível ferramenta para escapar ao anunciado fim do mundo. Como se na história do teatro e do espectáculo estivessem escondidas as ferramentas da imaginação que nos poderão ajudar a re-imaginar o mundo e que nos poderão encaminhar para o reencantamento do mundo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOLAN, Jill (2005), *Utopia in Performance: Finding Hope at the Theater*, Ann Arbor, MI, University of Michigan.

FISCHER-LICHTE, Erika (2014), “Performance Analysis”, in *The Routledge Introduction to Theatre and Performance Studies*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 49–70.

FISCHER-LICHTE, Erika (2019 [2004]), *A estética do performativo*, trad. Manuela Gomes, Lisboa, Orfeu Negro.

LAVERY, Carl, ed. (2021 [2018]), *Performance and Ecology: What Can Theatre Do?*, Londres e Nova Iorque, Routledge.

